



Observação

Solicitamos aos eventuais leitores que, caso disponham de outras informações que possam enriquecer este verbete, favor encaminhá-las à Fundação José Augusto através do seu Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine-CEPEJUL, situado na Rua Jundiá, 641, Tirol, CEP 59020-120, ou, pelo E-mail fjacepejul@rn.gov.br

Joaquim Edvirges de Melo Açucena

Século XIX

Joaquim Edvirges de Melo Açucena, natural de Natal, nascido a 17 de outubro de 1827 e faleceu em sua terra natal no dia 28 de março de 1907. Com o pseudônimos: Leôncio e LOURIVAL LUCENA. Poeta, compositor, cantor e dramaturgo.

AÇUCENA, Joaquim Eduvirges de Melo - Nasceu em Natal, a 17 de outubro de 1827. Funcionário público, delegado de polícia, comandante do destacamento da Guarda Nacional e Juiz de Paz. Notabilizou-se como poeta, sob o pseudônimo de Lourival Açucena. *Exímio violinista, grande boêmio*, diz a crônica da época. Reformou os cantos das lapinhas e introduziu estrofes no fandango e nos congos. Henrique Castriciano escreveu um ensaio sobre ele, **Lourival e o seu tempo** (Rev. da Academia Norte-rio-grandense de Letras, nº 04, 1956), e Cascudo reuniu os seus versos num volume, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte no centenário do seu nascimento. Para Rocha Pombo, *em meio mais largo se haveria feito certamente um grande nome nacional* (**História do Estado do Rio Grande do Norte**, pp. 414 a 418). Faleceu em Natal, a 28 de março de 1907.

Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, ou Lourival Açucena ou Lorênio (Natal, 17 de Outubro de 1827 – Natal, 28 de Março de 1907) foi o primeiro poeta do Rio Grande do Norte.

Vida

Sua poesia era ligada ao Romantismo, mas tinha forte relação tardia com o Arcadismo.

Teve uma vida agitada e participava ativamente dos serões boêmios de Natal.

Para visitar sua amada, chegava a atravessar o Rio Potengi a nado e ainda andar algumas léguas até o município de São Gonçalo do Amarante, onde ela morava.

Ficou preso por dois meses no Forte dos Reis Magos, acusado de desfalque.

Figura emblemática em Natal, Lourival Açucena foi funcionário público, juiz de paz, delegado de polícia, oficial de gabinete do Presidente da Província, seresteiro, ator e poeta.

Como cantor, alcançou fama nos festejos religiosos, e chegou a se apresentar em Pernambuco, recebendo aplausos.

Em 1853, representou o Capitão Lourival na peça O Desertor Francês, e sua performance rendeu-lhe o apelido que carregaria por cinquenta anos.

Escreveu para quase todos os jornais da cidade, mas não chegou a publicar livro algum em vida.

Lourival casou-se por três vezes e teve 32 filhos.

Virgílio Trindade – Secretário de Estado

Nasceu VIRGÍLIO Galvão Bezerra da TRINDADE em Natal, a 5 de abril de 1887, descendente de tradicionais famílias de nossa terra, — os Lopes Galvão e os Bezerra da Trindade. Era filho do capitão do Exército José Cândido Bezerra da Trindade e D. Ubaldina Galvão Bezerra da Trindade

Após o curso primário, passou pelo Ateneu Norte-rio-grandense, mas não prosseguiu estudos superiores. Era mais um autodidata. Lia bastante, aprendendo nas reuniões sociais, literárias, nos teatros, na rua.

De 1908 a 1910 exerceu o cargo de Escrevente do Cartório de Órfãos, em Manaus, Amazonas. Voltando a Natal, foi designado amanuense da Secretaria de Polícia, no Governo Alberto Maranhão. Em 1918 já estava nomeado Secretário da Polícia, (atual Secretaria de Segurança Pública), cargo em que se aposentou no governo Silvío Piza Pedroza.

Lourival Açucena (1827 – 1907)

Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, ou Lourival Açucena ou Lorênio (Natal, 17 de Outubro de 1827 – Natal, 28 de Março de 1907) foi o primeiro poeta do Rio Grande do Norte.

Sua poesia era ligada ao Romantismo, mas tinha forte relação tardia com o Arcadismo.

Teve uma vida agitada e participava ativamente dos serões boêmios de Natal.

Para visitar sua amada, chegava a atravessar o Rio Potengi a nado e ainda andar algumas léguas até o município de São Gonçalo do Amarante, onde ela morava.

Ficou preso por dois meses no Forte dos Reis Magos, acusado de desfalque.

Figura emblemática em Natal, Lourival Açucena foi funcionário público, juiz de paz, delegado de polícia, oficial de gabinete do Presidente da Província, seresteiro, ator e poeta.

Como cantor, alcançou fama nos festejos religiosos, Diz-se que era cantor de grandes qualidades e que se acompanhava ao violão. Há também notícias de que não teria se limitado a cantar apenas em Natal, chegando a se apresentar em Pernambuco com reconhecimento e aplauso. Tendo sido entre os nossos poetas um dos de mais longa existência (viveu 80 anos incompletos), ele notabilizou-se não apenas pela qualidade da sua poesia e talento de modinheiro, mas pela agitação que lhe marcou a vida, de modo especial no complicado relacionamento com a elite política da Província.

Não teve livro publicado em vida, mas, chegaria a ver poemas seus, impressos em várias publicações

Em 1853, representou o Capitão Lourival na peça O Desertor Francês, e sua performance rendeu-lhe o apelido que carregaria por cinquenta anos.

Escreveu para quase todos os jornais da cidade, mas não chegou a publicar livro algum em vida.

Ele teve seus textos publicados pela primeira vez com o surgimento do pioneiro jornalzinho O Recreio, em 1861, pois seu talento e agitada vida pessoal acabaram se tornando objeto de interesse entre os que residiam na capital e arredores.

Lourival casou-se por três vezes e teve 32 filhos.

Trinta dias após a morte de Lourival Açucena os amigos publicaram uma Poliantéia, breve reunião de poemas seus, para homenagear-lhe a memória. O pequeno volume saiu pela Oficina Literária Norte-Rio-Grandense. Coube, porém, a Luiz da Câmara Cascudo, contando com a colaboração do filho do poeta, querida personalidade natalense, Joaquim Lourival (o “professor Panqueca”, proprietário de uma concorrida escola particular), a tarefa de reunir tudo o que pode recolher dos seus poemas, publicando um volume a que chamou de Versos, em 1927.

Em 1987 a Universidade Federal do Rio Grande do Norte voltaria a editar este trabalho.

Coincidindo com a irrequieta personalidade do autor, a sua poesia não revela unidade, um traço comum, capaz de caracterizá-la. Ao contrário, é fácil perceber lendo os seus poemas, que a ele não preocupou filiar-se a qualquer escola, (embora seja forte em sua pequena obra a presença do arcadismo). Tal diversificação encontraria uma possível justificativa em sua condição de modinheiro, pressupondo-se, aí, a obrigação de variar o repertório e o seu estilo, com vistas a atender à solicitação popular. Assim, é possível vê-lo também como romântico e até como poeta clássico. Mas, é justamente quando adota a maneira mais próxima do povo, nas quadras, nos termos satíricos, que se percebe um Lourival Açucena mais autêntico. Isto é fácil de comprovar em “A Política” onde ele “filosofa” a respeito desta prática à época do Império.

Em sua homenagem, Ferreira Itajubá escreveu o poema No Campo Santo:

Morreste e não soubeste, ó grande veterano,
Que, quando por Natal, a rosa todo ano
Floresce alegremente, entre as demais roseiras,
O prado embalsamando, ao lado das primeiras, esta alma não rebenta em rosas de ilusão
Como quando cantaste ao som do violão.

Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lourival_A%C3%A7ucena

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090308125215AAmCLnE>

Lourival Açucena (1827-1907)

Joaquim Edivirges de Melo Açucena nasceu a 17 de outubro de 1827, em Natal-RN, sendo filho de Manuel Joaquim Açucena e Maria Pacífica de Melo. Faleceu a 28 de março de 1907.

Segundo Câmara Cascudo, o poeta “cantor de modinhas” teve a primazia da voz nas festas e solenidades natalenses, durante 60 anos: Lourival era a alma alegre da cidade. Improvisador de festas, tirada de “Reses”, sonetista aos numes da época, marcador de quadrilha, artista dramático, fazedor de brindes, compadre de meio mundo, respeitado e cortejador, era ainda aquele que conhecia “Os tristes desvios /d’altivosas criaturas”.

FONTE: CASCUDO, Luís da Câmara. Introdução. In: AÇUCENA, Lourival. Lerênio (Joaquim Edivirges de Melo Açucena). Versos reunidos por Luís da Câmara Cascudo. 2. ed. Natal: Editora Universitária, 1986, p. 25-26

Barro Vermelho

Por Luís da Câmara Cascudo

Nenhum recanto da velha Natal possui as tradições festivas do Barro Vermelho, topônimo semi desaparecido ao redor do Baldo, entre Alecrim e Tirol. Foi a sede das reuniões sereneiras, das almoços infundáveis, dos aniversários com violões, os mais afamados e por ali se espalharam as modinhas tradicionais e as vozes famosas, entoadoras de lirismos inesquecíveis.

Já em 28 de abril de 1791 o alferes **João Antônio Barbosa** dizia-se morador no Barro Vermelho.

Ali mataram a tiros e facadas o presidente Parrudo, **Manoel Ribeiro da Silva Lisboa**, em abril de 1838. Ali realizaram o primeiro teatro campal na noite de festa de 1868 no sítio do Padre Mameuzinho. Ali veraneavam os amigos das alegrias dominicais, cercados de fiéis, caju de conta e aguardente de alambique de barro. Ali cantou **Lourival Açucena** e fez maravilhas violonistas, **Heronides de França** ...

Do Barro Vermelho estão datadas poesias de Auta de Souza.

Uma sociedade foliona e humorística que mantinha um órgão, "O Bloco", recebeu um dos mais citados piqueniques de que há notícia, em setembro de 1906, oferecido pelo Major **Nestor Câmara**. Houve o célebre "solo de pífano" de **Antônio Elias** e **Henrique Castriciano** fez o único discurso hilariante de sua vida intelectual.

Ainda **Ferreira Itajubá** e **Gotardo Neto** comeram ceias de peixe frito e cantaram lundus no Barro Vermelho.

Despedindo-se da cidade do Natal, o historiador **Tobias do Rego Monteiro** visitou-a, revendo carinhosamente todas as paragens do seu passado, de menino e rapaz, desde e Baldo, onde havia o "banho", de tradição clássica, até o Rio Doce na Redinha de Dentro, terra encantada pela história boêmia dos presidentes de Província, na tempo do Imperador.

Tobias Monteiro, de "pinça-nês" grave, fez questão de ir ao Barro Vermelho recordar a saudoso crônica da paisagem que já não dissolvera na memória dos natalenses.

Estudando o historiador e jornalista, **Eloy de Souza** não esqueceu de mencionar:

- *Os alegres e famosos pagodes do Barro Vermelho, que tão grande parte tiveram na vida social da cidade.*

Natal perdeu a herança sonora e linda dos convescotes, tão valorizados por Alberto Maranhão, e não se compensou adquirindo o hábito do camping. Ganhou os banhos de sol, requeimastes de colesterol, na ensolação ardente das manhãs de veraneio. Falta a estes o timbre literário das modinhas e canções, dos recitativos e apuros de conversação. O ar desportivo, por si só, não supre o que se olvidou.

Mas se o Barro Vermelho perdeu sua atração mágica é porque não a pode conservar. Não possuiu mais os elementos fixadores do interesse social. Ficou, na nomenclatura urbana, como um simples nome, que nada mais sugere a quem o pronuncia.

Também há destino para estes recantos sentimentais.

Fonte: A REPÚBLICA - (23/07/1959) – páginas 161 e 162

Meu colega, Antônio Emerenciano

Por **Luís da Câmara Cascudo**

Durante o tempo em que fui Secretário do Tribunal de Justiça era secretário do Departamento de Saúde o poeta **Antônio Emerenciano**. Vizinho de sua janela acenava-me uma saudação risonha.

Éramos, evidentemente, colegas e sempre o chamei "colega". O outro era Manuel Procópio de Moura, colega na classe dos escrivães porque o então secretário do Egrégio tinha esse título.

Antônio Emerenciano foi trinta e oito anos funcionário e vinte e dois secretário do Departamento de Saúde. Nasceu em Natal a 13 de junho de 1886. Dia de Santo Antônio de quem herdara o nome.

Morreu no seu posto, sentado à sua mesa, na tarde de 3 de maio de 1957. Era irmão de Gotardo Neto. Filho do Professor **José Idelfonso Emerenciano**, o inesquecível Professor **Zuza**, que dá nome a uma rua na Cidade Alta, a rua em que tantos anos viveu e morreu.

Antônio era da geração do "Potiguar", da Oficina Literária **Lourival Açucena**, com Ivo Filho, Ponciano Barbosa, Ferreira Itajubá e o mano Gotardo.

Naturalmente não se pode dizer quantos, e quais foram os jornais em que Antônio Emerenciano colaborou. Em todos. Em quase todos. Anos e anos emendou provas n' A República, ajudando a "cesta do mercado". Morei na Praça Sete de Setembro, de 1937 a 1945. Antônio Emerenciano residia na Rua da Conceição, um pouco acima. Éramos da mesma rua e do mesmo bairro.

Veza por outra esbarrávamos para conversar. Fazia-o recordar seu tempo que ainda alcançara. A "turma" do "Potiguar" fora minha amiga e alguns meus íntimos.

Aquele "sobrevivente" sabia evocar e sobretudo sabia sentir sua pequenina história intelectual.

Antônio Emerenciano não conseguiu envelhecer. Conservava um ar de rapaz, dando a impressão sisuda e grave de distância bem educada dos acontecimentos. Tinha, como raros, o pudor da emoção. Escondia sua saudade, suas opiniões, seus pensamentos.

Era um milagre apanhá-lo na veia da confiança, do desabafo literário numa das fortuitas horas da saudade em que a lembrança voava na quarta dimensão, ressuscitando o passado nas tristes comparações do presente.

Antônio Emerenciano era um devoto silencioso do irmão **Gotardo Neto**. Não o citava muito. Não empurrava o nome fraterno em cima das notoriedades vencedoras. Amava, num leve sorriso, contar-me quanto o irmão lera e soubera. Já Ivo Filho, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, desenhou excelentemente a figura de Gotardo Neto de quem fora amigo. Fixara os últimos tempos dolorosos do lento suicídio e da quase reclusão, lendo, lendo, lendo, desalentado, desiludido, doente de melancolia. Antônio Emerenciano dizia, nessas horas crepusculares, como Gotardo Neto continuava lúcido e poderoso, embora recusando perpetuar-se escrevendo o que dizia com tanto brilho.

Dizia-me então versos. Versos que não foram publicados e que, criminosamente, não registrei. Tinha a impressão de que Antônio Emerenciano nunca havia de morrer e que estaria sempre pronto a repetir-me as produções de Gotardo Neto.

As próprias eram mais difíceis. Desculpava-se, sorrindo, que as esquecera. O tempo da poesia passara. Os olhos desmentiam a escusa. A poesia vivia naquele Emerenciano sensível, sentimental e reservado.

Emerenciano, sensível, sentimental, reservado. Numa tarde em que conversávamos no banco da praça tranquilo Antônio Emerenciano, evocando as festas humildes, as tertúlias deliciosas de outrora, terminou: - Era o meu tempo. Agora é o tempo dos outros ...

Tempo dos outros ...

A frase deixa uma perspectiva indefinida para a meditação ...

Fonte: CÂMARA CASCU DO, Luís. "O Livro das Velhas Figuras", páginas 192 a 193.
A REPÚBLICA – 09/09/1959.

LOURIVAL AÇUCENA

Por Virgílio Trindade

Que teria sido Natal naquele pedaço do século passado, em que viveu, tocou, cantou e amou Lourival Açucena?

O automóvel devia ser um sonho, o cinema uma utopia, o avião um ideal, o zepelim, um espécie de animal antediluviano, o rádio, uma coisa onde nem sequer chegava o pensamento, e se alguém se atrevesse a dizer, naquela então Rua Grande, por exemplo, cheia de mata-pasto e pega-pinto, em permanente *black-out*, que haviam ainda os potiguares de ouvir, de pijama e chinelo, portas fechadas, um discurso na Rússia, um concerto na Alemanha, uma hora de guerra em Londres, uma missa no Vaticano, um samba no Cassino da Urca, o pessoal havia de benzer-se, escandalizado:

— Credo! Só se for obra de Satanás!...

Mas, meus senhores, havia um rádio possante, não sei se de ondas curtas ou largas, sem antenas, mas que irradiava em toda Natal, ia além, transpunha o Potengi, chegava a São Gonçalo, alcançava a Redinha, não essa Redinha nova, de casas modernas de duzentos cruzeiros mensais, de maiôs elegantes, de clubes chiques e de lanchas possantes, mas a Redinha chamada de dentro, aquele pequeno paraíso entre coqueirais e cajueiros, tangidos eternamente pelos ventos livres do Atlântico.

Esse rádio, meus senhores, já o adivinhastes, era o violão de Lourival. Violão que era como um pássaro dos nossos céus azuis, livre, mavioso, incansável, em toda esta Natal, Barro Vermelho, Passo da Pátria, Pedra do Rosário... O Uirapuru das nossas plagas, onde hoje se erguem bangalôs e onde se joga tênis e futebol.

Vinha Joaquim Eduwirges de Melo Açucena do ano da graça de 1827.

Talvez esteja alguém estranhando esse Joaquim Eduwirges. E era o seu nome. Certa vez, porem, representou o papel do Capitão Lourival na peça “O Desertor Francês”. E o fez tão bem que os amigos o chamaram desde então LOURIVAL. E teve de adotar, abolindo o Eduwirges.

Nasceu a 17 de outubro daquele ano e desapareceu em 28 de março de 1907. Que poderei dizer desses oitenta anos do bardo norte-rio-grandense, ardente e respeitoso, cheio de pecados e inocência, cantando a mulher com todas as chamas da paixão e esfriando os dedos, quando uma chegava mais perto, no dizer de Câmara Cascudo?

Que dizer desse dominador das saias pa1aciana e das lapinhas; das peixadas e dos banhos do Baldo, durante uns sessenta anos? Desse compadre de meio mundo, daquela figura obrigada nos Te-Deuns solenes, com assistência presidencial e nas serenatas ao luar, que tanto cantava missas como lundus dengosos?

Como recordar, nestes tempos de pavorosa carestia, aquela época em que uma resma de papel almaço superior custava cinco mil réis, cem penas mil e seiscentos réis, vinte e quatro lápis, quatrocentos e oitenta réis e quatro moringas a grande importância de mil duzentos e oitenta réis?

Seu pai era o tenente Manoel Joaquim Açucena, afoito, atrevido, audaz conquistador, tipo de “acaba lapinha” e vira fobó”. Noivo em São Gonçalo, Manoel Joaquim atravessava o Potengi a nado e batia a pé as três léguas para ver a noiva, dona Maria Pacifica. Ainda guri, o nosso Lourival foi matriculado no Ateneu. Estudava pouco e o freqüentava ainda menos. Matriculou-se nas aulas de filosofia, retórica, francês e latim. Não se sabe se aprendeu muito. Sabe-se sim, que em 1839, com dez anos, o pai o levou à presença de D. Francisco de Assis Mascarenhas, presidente da Província, e o pequeno abraçando um violão, cantou modinhas que se diria hoje do outro planeta, e que fizeram babar de goza o austero homem de linha, que era D. Manoel Mascarenhas.

Fonte: Fragmento da Conferência de Virgílio Trindade sobre Lourival Açucena.

Pedro Gomes Leão Veloso

Pedro Gomes Leão Veloso nasceu em Itapicurú, Bahia, a 1º de janeiro de 1828.

Formando-se em Direito pela Faculdade de São Paulo, filiou-se ao partido conservador sendo várias vezes Deputado Provincial pela Bahia.

Pedro Gomes Leão Veloso presidiu a Província do Espírito Santo a 4 de fevereiro de 1859, Alagoas, a 1º de maio de 1860 e Maranhão em 24 de março de 1861.

Depois do Rio Grande do Norte, ainda administrou o Piauí, de 30 de junho a 4 de dezembro de 1863, o Pará, nomeado a 16 de junho, posse a 27 de outubro de 1866, administrando até 9 de abril de 1867 e, por duas vezes, o Ceará, de 16 de outubro de 1867 a 27 de agosto de 1868 e de 1º de abril de 1881 a 22 de março de 1882.

Deputado Geral por Sergipe em 1867-70, o foi pela Bahia em 1878 e 1878-81. Escolhido Senador do Império pela Bahia a 19 de outubro de 1878.

Ministro do Império no gabinete de 3 de julho de 1882 (visconde de Paranaguá) esteve até 23 de maio de 1883. Conselheiro de Estado em 1889.

No Rio Grande do Norte visitou o interior da província, indo a Mossoró e, em julho de 1862, a Caicó. Em 27 de junho de 1862 assinou um contrato anual do aluguel de *uma casa de sobrado e de uma sala terrea coutígua* na rua da Conceição, com [Joaquim Inácio Pereira Junior](#). Pagaria 800\$ por ano. O contrato duraria seis anos. E a mudança da Casa do Governo da rua da Cruz para o sobradão que foi destruído quando se abriu, em 1914, a praça Sete de Setembro. Em 1862 construiu-se a torre da Matriz, assentando-se o relógio que fora comprado pelo presidente Passos. Dirigiu os trabalhos o engenheiro [Ernesto Augusto Amorim do Vale](#) sendo mestre-pedreiro o operário [Timóteo Gomes da Paz](#).

A Província atravessava um período de grande depressão econômica. Leão Veloso comprimiu as despesas por todos os lados. Diminuiu até a iluminação pública, cortou três cadeiras do Atheneu, demitiu dezenas de funcionários. Seu “*Relatório*” (16-2-1862) é um dos documentos mais completos, elevados e nítidos que possuímos da administração Imperial. Nada conheço superior.

A situação financeira era terrível. O funcionalismo estava morrendo de fome, O oficial-maior da Tesouraria, o poeta **Lourival Açucena**, escreveu um poema, dedicado ao Presidente, cujo estribilho era

“**Eheu, fame peio**”. Leão Veloso, energicamente, enfrentou o problema, atacando despesas inúteis e suprimindo tudo quanto lhe parecia adiável.

Naturalmente levantou um celeuma tempestuosa mas não o atemorizou a ameaça nem diminuiu sua tarefa. Fechou o Colégio de Artífices, instalado por Nunes Gonçalves, que se tornara um *foco de emmoralidade*; determinou que o Hospital só recebesse soldados e presos pobres de justiça, suspendeu trabalhos dispensáveis e, apesar dos esforços, l.c.vou *um deficit* de 56:498\$792.

Leão Veloso estudou as diversas faces da questão e entre os elementos responsáveis aponta o exagero na burocracia. Em 1851 tínhamos 87, inclusive professores. Em 1859 o número era de 150. De 1850 a 1859 o funcionalismo ganhara 641:517\$148 e as despesas com Obras Publicas iam a 75:355\$351.

Tínhamos 27 escolas para meninos, com 972 alunos, e 8 para meninas, com 171. A população total era calculada em 164.712 habitantes. Os municípios eram 23 e as comarcas 6. Veloso acha que os municípios estavam em numero superior ás possibilidades provinciais. Muitos não tinham elementos de vida própria e pesavam no orçamento. O Atheneu estava com 58 alunos. Os drs. [Adelino Antunes de Lima Freire](#), secretario do Governo, e [Antonio Fernandes Trigo de Loureiro](#), ensinavam gratuitamente francês, geografia e historia, no Atheneu.

Veloso sugere um empréstimo de 50 a 100 contos para canalizar o rio Ceará-Mirim cujo vale é uberrimo. Propõe inspeção escolar rigorosa. Os candidatos a empregos públicos devem ter o curso do Atheneu, *o que tambem será um útil embaraço as pretensões*. Lembra que a reforma da instrução (todos os presidentes tinham a mania de reformar a instrução) não podia ser obra de um dia. Era fenômeno complexo, dependendo do tempo e *do concurso simultâneo de muitas outras reformas*. *Não devera ser entregue a retalho aos poderes provinciais; na direção das inteligências não pode deixar de haver unidade de desígnio*. Sobre todos os aspectos da administração, Veloso tem idéias originais e justas.

Faleceu no Rio de Janeiro a 2 de março de 1902.

Extraído do livro **Governo do Rio Grande do Norte**, 2ª Volume, de autoria de Luís da Câmara Cascudo. Mossoró-RN, Coleção Mossoroense, série “C”, volume DXXXI, 1989.



Academia Norte-rio-grandense de Letras

AD LUCEN VERSUS (Rumo à luz)

Rua Mipibu, 443 – Tirol – Fone: 3221-1143

MISSÃO: A missão das Academias é a de aglutinar talentos em torno das grandes causas do espírito humano.

Da Fundação A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras-ANRL foi fundada por um grupo liderado por Luis da Câmara Cascudo. Apesar de Cascudo referir a data de 15 de novembro de 1937 como estando a Academia regularmente instalada, no Instituto de Música, a data da sua fundação é considerado 14 de novembro de 1936, ocasião em que foi lavrada a primeira ata.

A primeira Diretoria ficou constituída desta maneira: PRESIDENTE – Henrique Castriciano de Souza; Secretário Geral – Luís Câmara Cascudo; 1º Secretário – Edgar Barbosa; 2º Secretário – Aderbal de França; e TESOUREIRO – Clementino Câmara. Em 28 de novembro de 1936 o acadêmico Câmara Cascudo submete ao julgamento da Academia quatro propostas de lema, organizados pelo padre Luiz Monte, sendo o primeiro: Ad lucen versus, o segundo: Dúctir in altuin; o terceiro: Viteus lumi, sidera corpe; o quarto: Tellus premat, artus, thahant sidera vérticem. Depois de discutidos, é aceito o primeiro, que significa em direção à luz (rumo à luz, em busca da luz), segundo tradução da ilustre e eficiente Secretária da ANL, senhora Sônia Cavalcante. Somente na Sessão de 27 de abril de 1937, após algumas modificações, foi determinada a relação dos 25 fundadores que escolheram os seus respectivos patronos:

DA CONSTRUÇÃO DA SEDE DA ANL

Em reunião no dia 23 de janeiro de 1958, é comunicado que o prefeito Djalma Maranhão e a Câmara de Vereadores de Natal revalidaram a doação de terreno da Praça Tomás de Araújo, ao mesmo tempo em que autorizaram a venda do referido imóvel para iniciar a construção da sua sede própria. O presidente Manuel Rodrigues de Melo, comunicou que havia feito proposta à Federação do Comércio do Rio Grande do Norte no valor de Cr\$ 500.000,00 e havia recebido contraproposta do seu presidente, Jessé Pinto Freire (Macaíba, 19/11/1918, Rio de Janeiro, 13/10/1980), no valor de Cr\$ 300.000,00, a qual, após algumas discussões, foi aprovada.

Reeleito presidente em 30 de janeiro de 1958, o acadêmico Manuel Rodrigues de Melo iniciou a construção, na Rua Mipibu, 443, do prédio da Academia Norte-rio-grandense de Letras, com apoio do Governador Dinarte Mariz.

Em 27 de julho de 1963, sob a presidência de Manuel Rodrigues de Melo, os acadêmicos reuniram-se na Biblioteca do novo prédio. O presidente relatou sobre a construção. “O edifício de dois pavimentos está assim dividida: Térreo – biblioteca; museu de arte, auditório, compreendendo esse, por sua vez, teatro escola, cinema educativo, conferências, etc; secretaria, tesouraria, contadoria, discoteca, contadoria, discoteca e bar.

Pavimento Superior – sala da presidência, sala da presidência, sala dos acadêmicos e salão nobre, destinado esse exclusivamente às sessões públicas da Academia”.

Nos dias 5 e 6 de setembro de 1964, em solenidades oficiais, foi instalada a maior parte da Academia. As obras foram concluídas no governo do saudoso Aluizio Alves, que prestou todo o apoio necessário.

As obras da sede própria foram iniciadas em 1958, concluindo-se 12 anos depois, cuja inauguração da sede, devidamente mobiliada, ocorreu a 23 de janeiro de 1976, na presidência de Manoel Rodrigues de Melo.

O acadêmico Manoel Rodrigues de Melo construiu a sede própria da ANL e foi o seu presidente durante 21 anos.

A Biblioteca da ANL, está aberta a pesquisadores, estudantes e interessados.

A primeira mulher a pertencer à ANL foi a assuense Maria Carolina Wanderley, natural de Assu, filha do professor Luiz Carlos Lins Wanderley e Maria Amélia Wanderley na Cadeira nº 6, cujo patrono é o seu avô Luís Carlos Wanderley, natural de Assu, nascido a.... filho de Luiz Sócrates Wanderley Filho e Maria Emilia Tavares Wanderley.

Patronos:

01 – Frei Miguel Joaquim de Almeida e Castro –

Padre Miguelinho

02 – Nísia Floresta Brasileira Augusta

03 - Felipe Néri de Carvalho e Silva

04 – **Lourival Lucena**

05 - José Moreira Brandão Castelo Branco

06 – Luís Carlos Wanderley

07 – Manoel Ferreira Nobre

08 – Isabel Gondim

09 – Almino Alves Afonso

10 – Elias Souto

11 – João Maria

12 – Amaro Cavalcanti de Albuquerque

13 – Luiz Fernandes

14 – Joaquim Fagundes

15 – Pedro Velho

16 – Segundo Wanderley

17 – Francisco de Souza Ribeiro Dantas

18 – Augusto Severo

19 – Ferreira Itajubá

20 – Auta de Souza

21 – Antonio Marinho

22 – Leão Fernandes

23 – Antonio Glicério

24 – Gotardo Neto

25 – Ponciano Barbosa

26 – Manoel Dantas

27 – Aurélio Pinheiro

28 – Padre João Manoel

29 – Armando Seabra

30 – Monsenhor Augusto Franklin

31 – Padre Brito Guerra

32 – Francisco Fausto

33 – Tonheca Dantas

34 – José da Penha

35 – Juvenal Antunes

36 – Benício Filho

37 – Jorge Fernandes

38 – Luís Antonio

39 – Antonio Damasceno Bezerra

40 – Afonso Bezerra

PRIMEIRO OCUPANTE

01 - Adauto Miranda Raposo Câmara

02 – Henrique Castriciano de Souza

03 - Otto de Brito Guerra

04 – Virgílio Galvão Bezerra da Trindade

05 - Edgar Ferreira Barbosa

06 – Carolina Wanderley

07 – Antonio Soares

08 – Matias Maciel Filho

09 – Nestor Lima

10 – Bruno Pereira

11 – Januário Cicco

12 – Juvenal Lamartine

13 – Luís da Câmara Cascudo

14 – Antonio Fagundes

15 – Sebastião Fernandes

16 – Francisco Palma

17 – Dioclécio D. Duarte

18 – Valdemar de Almeida

19 – Clementino Câmara

20 – Palmira Vanderley

21 – Floriano Cavalcanti

22 – Padre Luís Monte

23 – Bezerra Júnior

24 – Francisco Ivo Cavalcanti

25 – Aderbal de França

26 – José Augusto Bezerra de Medeiros

27 – Américo de Oliveira Costa

28 – Paulo Pinheiro de Viveiros

29 – Esmeraldo Siqueira

30 – Manoel Rodrigues de Melo

31 – José Melquíades

32 – Tércio Rosado Maia

33 – Osvaldo de Souza

34 – Alvanar Furtado

35 – Edinor Avelino

36 – João Medeiros Filho

37 – Newton Navarro

38 – José Tavares

39 – Raimundo Nonato Fernandes

40 – Sanderson Negreiros